



VOTO DE PESAR PELA MORTE DO GENERAL VASCO GONÇALVES

Primeiro subscritor: Jorge Lourido (CDU)

É com profundo e sentido pesar que a AME, na sua reunião ordinária de 24 de Junho de 2005, homenageia e recorda, o recentemente falecido, General Vasco Gonçalves, homem corajoso, coerente, vertical e figura ímpar da Revolução de Abril.

Militar de Abril, o mais graduado dos elementos, Vasco Gonçalves ficará para sempre ligado a um dos mais complexos, exaltantes, inovadores e criativos períodos da nossa História Pátria.

Após o 25 de Abril foi membro do Conselho da Revolução e Primeiro Ministro de Portugal nos II, III, IV e V Governos Provisórios.

O nome, a figura e a acção de quem para muitos era o companheiro Vasco, é indissociável do processo revolucionário de Abril, da luta dos trabalhadores e do povo português pela paz, liberdade, justiça social, solidariedade e fraternidade que tiveram depois expressão formal na Constituição de 1976.

Ao evocar Vasco Gonçalves lembramos aqui as palavras que Eugénio de Andrade lhe dedicou em 1977;

Nesses dias era sílaba a sílaba que chegavas.

Quem conheça o Sul e a sua transparência

também sabe que no verão pelas veredas

da cal a crispação da sombra caminha devagar.

De tanta palavra que disseste algumas

se perdiam, outras duram ainda, são lume

breve arado ceia de pobre roupa remendada.

Habitavas a terra, o comum da terra, e a paixão

era morada e instrumento de alegria.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ÉVORA

Esse eras tu: inclinação da água. Na margem
vento areias mastros lábios, tudo ardia.

EUGÉNIO DE ANDRADE in “12 Poemas para Vasco Gonçalves”. Porto, 1977.

Ao recordar a memória de Vasco Gonçalves a AME envia as mais sentidas condolências a sua esposa D. Aida Gonçalves e aos seus familiares.

A AME recomenda ainda ao Executivo Municipal o desenvolvimento de todos os esforços no sentido de atribuir o nome de “General Vasco Gonçalves” a uma das novas artérias da cidade.

Évora, 24 de Junho de 2005.

(Aprovada por unanimidade)



VOTO DE PESAR PELA MORTE DO POETA EUGÉNIO DE ANDRADE

Primeiro subscritor: José Russo (CDU)

A 13 de Junho de 2005, o dia do aniversário de Fernando Pessoa, morria o poeta Eugénio de Andrade.

Uma das maiores figuras literárias do século XX, autor de uma extensa obra em verso e prosa, conhecida e reconhecida em Portugal e no estrangeiro, ninguém, melhor do que ele, conseguirá definir a pessoa e o poeta, como o comprovam as suas palavras:

Sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo e, desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a Água. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por estar cheio do amor vigilante e sem fadiga de minha mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente necessárias. São essas coisas que os meus versos amam e exaltam. A terra e água, a luz e o vento consubstanciam-se para dar corpo a todo o amor de que a minha poesia é capaz. As minhas raízes mergulham desde a infância no mundo mais elementar. Guardo desse tempo o gosto por uma arquitectura extremamente clara e despida, que os meus poemas tanto se têm empenhado em reflectir; o amor pela brancura da cal, a que se mistura invariavelmente, no meu espírito, canto duro das cigarras; uma preferência pela linguagem falada, quase reduzida às palavras nuas e limpas de um cerimonial arcaico - o da comunicação das necessidades do corpo e da alma. Dessa infância trouxe também o desprezo pelo luxo, que nas suas múltiplas formas é sempre uma degradação; a plenitude dos instantes em que o ser mergulha inteiro nas suas águas, talvez porque então o mundo não estava dividido, a luz cindida, o bem e o mal compartimentados; e, ainda, uma repugnância por todos os dualismos, tão do gosto da cultura ocidental, sobretudo por aqueles que conduzem à mineralização do desejo num coração de homem. A pureza, de que tanto se tem falado a propósito da minha poesia, é simplesmente paixão, paixão pelas coisas da terra, na sua forma mais ardente e ainda não consumada.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ÉVORA

Eugénio de Andrade... o homem que viveu longe de qualquer espécie de mundanismos, avesso a tudo o que era fútil e medíocre, que entendeu o luxo como “uma falta de generosidade” e ainda o poeta que soube escutar a rasteirinha voz das coisas, a fala rente ao chão, o som das coisas limpas e transparentes da terra... é ele, por inteiro, que queremos lembrar também hoje, nesta Assembleia.

Évora, 24 de Junho de 2005

(Aprovada por unanimidade)



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ÉVORA

MOÇÃO

“Por Álvaro Cunhal”

Primeiro subscritor: Celino Silva (CDU)

Uma vida ao serviço do seu partido e dos trabalhadores portugueses

Dedicou toda a sua vida ao ideal e projecto comunista, à causa da classe operária e dos trabalhadores, da solidariedade entre os povos, com uma dedicação e compromisso sem limites.

Ao longo de mais de 74 anos de acção revolucionária, assumiu um papel ímpar na história portuguesa do século XX, primeiro na Juventude Comunista, depois no Partido Comunista, a partir de 1931.

Na resistência anti-fascista, pela liberdade e a democracia, sujeito a mais de doze anos de prisão, a bárbaras torturas, às duras condições de vida clandestina, nas transformações revolucionárias de Abril e em sua defesa, por uma sociedade livre da exploração e da opressão, revelou qualidades excepcionais de militante e ser humano.

Álvaro Cunhal foi autor de vasta obra publicada, quer no plano político e ideológico, quer no plano literário e das artes plásticas.

Os muitos e muitos milhares de portugueses que o seguiram no seu funeral, quiseram manifestar o respeito para com o comunista que foi toda a vida, “com virtudes e defeitos, méritos e deméritos como todo o ser humano” como nos transmitiu, e que significou uma grandiosa manifestação de pesar que marca a dimensão política, ideológica, intelectual e humana de Álvaro Cunhal.

A Assembleia Municipal de Évora homenageia Álvaro Cunhal, e apresenta à sua família e ao Partido Comunista Português, sentidas condolências.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ÉVORA

Évora, 24 de Junho de 2005

(Aprovada por unanimidade)